

As atribuições imputadas à sombra no trabalho de Catarina Mourão e de Lourdes Castro

Shadow attributions in the artistic work of Catarina Mourão and Lourdes Castro

RENATA FERRAZ*

Artigo completo submetido a 25 de dezembro de 2015 e aprovado a 10 de janeiro de 2016.

*Brasil, atriz e realizadora. Licenciatura em Artes Performativas – Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestrado em Arte Multimédia (Audiovisuais), Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL).

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, 1649-004 Lisboa, Portugal. E-mail: sa.graduados@letras.ulisboa.pt

Resumo: Com este artigo procura refletir sobre as funções imputadas no gesto de mobilização do recurso estético da sombra no filme intitulado *Pelas Sombras*, de Catarina Mourão e com coautoria de Lourdes Castro. O encontro entre a realizadora e a artista visual portuguesa traz a baila caminhos ofertados à sombra raramente observados nas representações artísticas contemporâneas.

Palavras chave: Lourdes Castro / Catarina Mourão / pelas sombras / sombras.

Abstract: *This article aims to reflect about the functions attributed to the aesthetic gesture of the shadow mobilization in the film titled ‘Through Shadows’ directed by Catarina Mourão and co-authored by Lourdes Castro. The meeting between the director and the visual artist brings us unusual paths offered to the shadows in the contemporary artistic representations.*

Keywords: *Lourdes Castro / Catarina Mourão / through shadows / shadows.*

Introdução

Quem diz luz, diz sombra: indissociavelmente, ao pé de cada sombra, irrompe um objeto. Espalhados pelo espaço, os objetos trazem no seu bojo, como irmãs

siamesas, sombra e luz, numa dependência intrínseca. Não obstante a tal code-terminação, não é raro notar que a sombra, desde o surgimento do cinema, ocupa o papel de irmã cruel e degenerada da luz nas narrativas filmicas.

Para tanto, basta que se pense nas produções estado-unidenses das décadas de 40 e 50 do século XX, ao apresentarem corpos atormentados, golpeados por uma luz que os atravessam; torturados pela luz, os corpos duplicam-se e as suas sombras tornam-se estranhamente inquietantes; sombras muitas vezes mais vivas que os próprios corpos (Bringer, 2003, p. 249). Ainda antes disso, se observarmos a ampliação e distorção das personagens, como é o caso das apresentadas em *O Gabinete do Dr. Caligari* (1920), de Robert Wiene, ou a substituição do corpo pela silhueta do vampiro em *Nosferatu* (1922), dirigido por Friedrich Wilhelm Murnau, a sombra parece, no cinema, representar os temas funestos da experiência humana.

De forma diametralmente oposta, *Pelas Sombras*, estreado em 2010, realizado por Catarina Mourão e protagonizado por Lourdes Castro, apresenta-se como um exercício de construção fílmica que encontra fissuras na ordem do discurso cinematográfico vigente no que diz respeito a mobilização do recurso estético da sombra, ao considerá-lo como o berço da criação artística. Tais fissuras são aqui escavadas a quatro mãos, pelas duas artistas em questão, e, quiçá, esteja aí o êxito de tal exploração.

Portanto, com este artigo procura-se explicitar o encontro entre a realizadora e a artista visual portuguesas para trazer à baila uma reflexão sobre os caminhos inusitados ofertados à sombra, com foco na metodologia utilizada por Lourdes Castro na construção dos seus trabalhos, metodologia esta que influenciou de forma fulcral a criação de *Pelas Sombras*.

1. Catarina Mourão e Lourdes Castro: trabalho construído na escuridão

Por um lado tem-se Catarina Mourão, que desde 1998, com o seu *A Dama de Chandor*, tem realizado documentários onde os pequenos gestos e as situações aparentemente anônimas acompanham as suas protagonistas. Por outro, Lourdes Castro, reconhecida artista plástica portuguesa que, desde a década de sessenta do século passado, tem na sombra o seu tema privilegiado.

Em *Pelas Sombras*, Catarina Mourão não se interessou em criar um retrato da artista, mas antes disso, nas palavras da própria realizadora, "A construção do filme foi muito baseada na minha relação com a Lourdes Castro. *Pelas Sombras* também é um documento sobre a minha relação com ela." (Mourão, 2010), Catarina Mourão permite que as sombras da artista plástica invadam o seu filme, fazendo com que o objeto de trabalho de Lourdes Castro transforme-se também no mote da criação fílmica.

Logo no início, decorridos apenas quatro minutos de filme, Lourdes Castro, ao explicar o funcionamento da germinação das raízes dos bolbos, evidencia algo fundamental para a discussão aqui em causa (Mourão, 2010):

Às escuras é que se trabalha; e em silêncio. No fundo [os bolbos] transformam-se na escuridão. Como todos nós, há um trabalho que a gente faz na escuridão, que ninguém vê. E este trabalho é a germinação, do que depois se dá a ver. Tal o que estamos a fazer. Nós estamos na escuridão, ninguém sabe. Escuridão e silêncio também. Às vezes penso o que não deve ser por baixo da terra. As raízes umas com as outras, umas que se dão bem, umas que não se dão bem. Aquele mundo em baixo da terra, às escuras.

Entender a escuridão ou o mundo das sombras como algo que gera potência criativa não é algo que observamos comumente. Se no período pré-socrático a sombra desempenhava a função central de tornar presente um ausente (Vernant, 1991), ou seja, à sombra era atribuído o papel de criadora, desde as reflexões de Platão (2005) e sua alegoria da caverna, a sombra viu-se rebaixada à condição de não-ser, ou, se quisermos, a sombra tornou-se mera etapa provisória no acesso ao verdadeiro:

Que se liberte um desses prisioneiros, que seja ele obrigado a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos para a luz: ao fazer todos estes movimentos sofrerá, e o deslumbramento impedi-lo-á de distinguir os objetos de que antes via as sombras.

O que Lourdes Castro propõe aqui é um giro de perspectiva sobre a ideia platônica – a sombra como uma etapa a ser superada tanto nos processos cognitivos quanto nos estéticos, – ao considerar a escuridão como algo desejado, lugar silencioso onde os processos artísticos são gerados. À luz do exposto, torna-se necessário entender de que maneira Lourdes Castro consegue romper com uma tradição que já dura mais de dois mil anos. Quais os mecanismos que estão envolvidos em seu processo de trabalho que corroboram para o deslocamento das funções que tradicionalmente atribuímos à sombra?

2. Álbum de família: colecionadoras de sombras.

Pelas Sombras, como evidenciado anteriormente, é um filme construído a quatro mãos, a partir da convivência entre duas artistas, ao longo de doze anos. A afetividade e a confiança desenvolvidas entre elas são as responsáveis por revelar um rastro importante para este estudo: a intimidade como potencial criativo, que evidencia-se não apenas na estrutura do filme, mas também no endereçamento ofertado à sombra por Lourdes Castro. Tal intimidade tem como objeto modelar os álbuns de família da artista plástica. Sobre os álbuns, Lourdes Castro diz:

(...) Fico contentíssima sempre que me encontro com um parente. A minha identidade profunda está aqui, nestes álbuns. Confesso-lhe o que vou fazendo, digo-lhe de onde venho. Aí se encontram os meus bisavós, os meus primos, os que usam os mesmos nomes que eu, os que usam o mesmo nome, mas pertencem a um outro ramo, os encontros do acaso. Alguns tem a mesma pele, mas nenhum tem o mesmo coração.

A realizadora, graças ao trabalho de montagem, faz com que a intimidade crescente entre ela e a artista plástica seja prognosticado pelo gesto de Lourdes Castro de mostrar os seus álbuns de família, ainda nas primeiras cenas do filme. Na altura da realização do *Pelas Sombras* eram trinta e quatro álbuns de família e, embora possamos reconhecer em tal relato características típicas de quem fala sobre a sua família biológica ou sobre aqueles que nos ampararam em alguma etapa da vida, Lourdes Castro refere-se aqui não a outros seres humanos, mas sim, às sombras (Figura 1). Ao atribuir a função de entes estimados às sombras, a artista plástica não apenas explicita a sua metodologia de trabalho como evidencia que a sombra pode ser também, em oposição ao que estamos acostumados a pensar, sinónimo de uma parceria desejada e cuidada com delicadeza e curiosidade.

Estes cinquenta anos, a produzir esta atípica coleção, para dar a conhecer “tudo o que se relaciona com as sombras na pintura, na publicidade, na poesia, na literatura, etc. Tanto no passado como no presente.” (Mourão, 2010), revelam o modo pelo qual Lourdes Castro constrói o seu trabalho. Ora, ao colecionar sombras em álbuns de família e ao destinar esta coleção de materiais heteróclitos à criação plástica, Lourdes Castro cria e recria o seu inventário, organiza “uma espécie de diálogo com ele, para listar, antes de escolher entre elas, as respostas possíveis que o conjunto pode oferecer ao problema colocado.” (Lévi-Strauss, 2008, 34).

Se a artista Lourdes Castro assemelha-se ao que o antropólogo e etnólogo francês Claude Lévi-Strauss chamou de *bricoleur*, “aquele que executa um trabalho usando os meios e expedientes que denunciam a ausência de um plano pré-concebido e se afasta dos processos e normas adotados pela técnica” (Lévi-Strauss, 2008, 32), certo está que a realizadora Catarina Mourão segue os meus passos da sua protagonista.

Dito isso, torna-se relevante destacar que a primeira comunicação entre as duas ocorreu em 1998 e as primeiras filmagens, informais, sete anos antes do lançamento do filme. As filmagens propriamente ditas começaram após este longo prelúdio e teve duração de quatro anos – entre 2007 e 2010 –, com encontros anuais que se prolongaram por uma semana, cada um deles numa estação do ano diferente. Com isso, evidencia-se que Catarina Mourão acrescentou à sua função de realizadora a de colecionadora de imagens em movimento, num



Figura 1 · Lourdes Castro em *Pelas Sombras*, de Catarina Mourão. Fonte: still do DVD, 2010.

Figura 2 · Lourdes Castro em *Pelas Sombras*, de Catarina Mourão. Fonte: still do DVD, 2010.

Figura 3 · Lourdes Castro em *Pelas Sombras*, de Catarina Mourão. Fonte: still do DVD, 2010.

Figura 4 · Lourdes Castro em *Pelas Sombras*, de Catarina Mourão. Fonte: still do DVD, 2010.

processo que pressupôs um gesto muito parecido àquele que Lourdes Castro tem ofertado às suas sombras. Para levar a cabo tal empreitada, o filme foi construído a partir da relação entre as duas mulheres, entre estas e o espaço compartilhado que habitaram ao longo destes anos de filmagem e entre as duas artistas e as sombras criadas por tal espaço. Portanto, o endereçamento dado à sombra por Lourdes Castro não aparece apenas como enunciado temático, mas também é incorporado pela realizadora nas escolhas dos planos. Se, no início, Catarina Mourão oferece-nos enquadramentos que nos remetem aos inúmeros documentários preocupados em evidenciar o cotidiano e as falas da protagonista, aos poucos, e na mesma medida que a relação das duas intensifica-se, o diálogo entre a luz e a sombra começa a invadir também os planos do filme (Figura 2).

3. Dança entre duplos

À vista do exposto anteriormente, pode-se afirmar que as sombras geradas pela narração de Lourdes Castro em diálogo com o enquadramento de Catarina Mourão distanciam-se das atribuições usualmente ofertadas àquilo que é próprio do universo da escuridão: sensações próximas da cautela, da apreensão e da dissimulação. Antes, o filme reserva espaços conferidos à sombra associados ao gesto cotidiano, à serenidade e ao conforto. Vejamos alguns exemplos.

As primeiras sombras expressivas do filme são autorizadas a atravessar o ecrã somente depois que Lourdes Castro apresentou-nos os seus álbuns de família. A cena é diurna, mostra a artista plástica a lavar o rosto e a pentear os cabelos. As sombras das folhas das árvores recortam o corpo de Lourdes Castro e as paredes externas da casa. Como esta, em outros pares de cenas, a sombra acompanha, ao longo de oitenta minutos de filme, gestos apurados do dia-a-dia da protagonista: lavar os dentes, apanhar as folhas de outono do jardim, recolher a roupa do estendal (Figura 3). Observa-se, pois, que não obstante o prestígio de seu trabalho, as sombras revelam, de maneira acolhedora e fleumática, a decisão que Lourdes Castro tomou ao optar pelo recolhimento em Funchal, a sua terra natal.

Para além do espaço de acolhimento gerado pela obscuridade, um outro endereçamento relevante diz respeito a criação de sombras com coloração. Se é certo que os filmes a preto e branco possuíam na sua limitação de gama de cores um espaço propício para a exploração do diálogo entre sombra e luz, é evidente também que as cores e, mais recentemente, a apurada definição das imagens digitais, deixam pouco espaço para a sombra transformar-se num recurso poético ou numa fonte de inspiração nos filmes produzidos na contemporaneidade. Entretanto, *Pelas Sombras* é um filme a cores e, mais

que isso, um lugar onde a coloração é o material privilegiado para a criação de tais sombras. Os exemplos são inúmeros: desde as sombras das pinturas e dos acrílicos de Lourdes Castro ou as silhuetas impressas nas colchas de seus trabalhos pretéritos até aquelas presentes nos espaços internos e externos da casa capturadas pela lente de Catarina Mourão, todas as imagens do *Pelas Sombras* são investidas de cores vívidas.

Diante do exposto, merece destaque a sombra verde de um regador a aguar as sombras dos arbustos (Figura 4). Ao criar uma sombra da mesma cor do objeto, Lourdes Castro duplica o ambiente, oferecendo-nos duplos de corpos, objetos, paisagem e assim por diante. Nesta cena em particular, a trama é tão bem desenhada que já não nos é possível distinguir a coisa em si e a sua sombra. A sombra, neste caso, não substitui o regador, mas torna-se uma imagem especular, um duplo do tal objeto. A coreografia proposta por Lourdes Castro e registada por Catarina Mourão mostra um diálogo harmonioso entre o objeto e a sua sombra, entre o que se revela e o que se esconde, evidenciando uma complementaridade entre eles.

Conclusão

Tem-se observado que o endereçamento dado à sombra nas experiências cinematográficas ao longo da história tem ocorrido, na maioria das vezes, pelo viés da negatização. Por isso, este estudo tentou auscultar formas pouco usuais no que diz respeito ao gesto de mobilização do recurso estético da sombra, sendo *Pelas Sombras*, de Catarina Mourão, o filme privilegiado desta investida.

As sombras entendidas como um lugar de intimidade, carícia e conforto, observadas no filme em questão, ajuda-nos a pensar a escuridão de maneira pouco usual. Mais que isso, a maneira peculiar com a qual a protagonista relaciona-se com as sombras evidencia que um objeto só possui determinadas atribuições na medida em que corroboramos para a manutenção de tais funções. Dessa maneira, refletir sobre tais atribuições, auxilia-nos a problematizar a ideia de que determinado objeto possui características essenciais e, portanto, imutáveis.

Para concluir, nas palavras de Lourdes Castro: “A sombra tem tudo o que tem o objeto, mas contém o menos possível para ser reconhecido”. Ao considerar que menos pode ser algo potente e acolher a escuridão como um espaço de criação, Lourdes Castro e Catarina Mourão fazem-nos lembrar a ideia de ser possível que frestas sejam encontradas no espaço comum por onde caminham as experiências estéticas contemporâneas.

Referências

- Bringer, Arnaud (2003) *L'ombre dévorante – l'inquiétante étrangeté des ombres dans le film noir américain*. In: *L'Ombre De L'Image; De La Falsification A L'Infigurable*. Org. Murielle Gagnebin. Ceyzérieu: Champ Vallon. ISSN 978-2876733640
- Câmara, Vasco (2010) *Catarina no paraíso*. [em linha]. Disponível em: www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/catarina-no-paraíso-255273. Consultado em: 10/10/2015
- Lévi-Strauss, Claude (2008) *O Pensamento Selvagem*. Campinas: Papirus Editora. ISSN 978-8530800833
- Mourão, Catarina (1998) *A Dama de Chandor*. [DVD]. Lisboa: Midas.
- Mourão, Catarina (2010) *Pelas Sombras*. [DVD]. Lisboa: Midas.
- Murnau, Friedrich Wilhelm (1922) *Nosferatu*. [DVD]. Madrid: Divisa.
- Platão (2005) *A república*. Traduzido por Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural ISSN 8513012319
- Vernant, Jean Pierre (1991) *Figuras, Ídolos, Máscaras*. Lisboa: Editorial Teorema. ISSN 978-9726951759
- Wiene, Robert (1920) *Das Cabinet des Dr. Caligari*. [DVD]. Madrid: Divisa.

Agradecimentos

- Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), – Proc. n° 0795/14-3, Ministério da Educação do Brasil, Brasil – Doutorado Pleno no Exterior.